

Um pôr-do-sol em Icarai

Inebriado pelo doce perfume de damas da noite que resvalava paredes do Santos Anjos abaixo, após trancar o portão central e conferir apenas as luzes dos dormitórios das freiras acesas, virou-se à rua e focou estrabicamente à esquerda a casa vermelha defronte a quadra do colégio, um palácio nunca seu. Pois que mais uma vez caminhasse de volta, o mesmo trajeto anos e anos, um gole d'água na mina à altura da estátua angélica que emergia sobre a grama (sombreava demoníaca o jardim com o auxílio da iluminação pública), ladeando as casas semi-iguais que seguiam à primeira entrada para a Ilha, acompanhando o paredão da Rede – à direita a casa feito trem antes de chegar ao ponto da rotunda e seu cheiro efervescente de cajamangas que apodreciam pelo sol e solo de meios dias já dissipado, atravessando frente ao beco da Caixa D'água: a casa ao lado, na Sobral Pinto: cômodos escuros noite afora. Abriu mão direita à porta de maçaneta alumínio frio enfim num Março de calores e pancadas de chuva no cair da tarde, as águas do Limoeiro a subir o nível e invadir os quintais e lares dos becos e ruelas que desenraizavam-se pela Vila adentro, e vagarosamente sapateando os degraus da escada de mármore a segunda porta agora da sala de tacos recém-encerados naquela tarde quando pensou e o quanto pensara em tudo temendo dizer algo que da língua sobrepujasse em mentiras, idéias que despencavam pelos olhos a se repousarem pela área vazia nos sofás em L e mesa de centro baseando uma cúpula de vidro cheia de conchas marinhas frente à televisão que esmurrava imagens como única luz no negrume da casa. Um barulho aturdiu os ouvidos enquanto o corpo urgindo em descanso repousava no maior sofá, de três lugares; o corredor que fronteirizava a cozinha e a área de serviços e levava aos quartos de frente e do fundo e ao banheiro em seu fim recém-iluminado por uma voz de sempre,

Pai?

Passos vagarosos da filha percebeu, o arrastar das havaianas ao interruptor que lhe incomodaria os olhos refestelados na televisão,

tudo bem?

tudo,

tava arrumando a área lá fora,
aquele armário, tem tanta porcaria
pai, tanta coisa velha, tava pensando
o que o senhor pode jogar fora,
abrir espaço pra

deixa isso que
eu falo com a moça
semana que vem,

mas eu posso fazer
se o senhor qui-

já comeu?

já,

vou tomar um banho.

Repousou os braços carcomidos pelas ordens de sempre, retos como se os empurrasse aos azulejos de um branco quase em bege, aquiescendo à água fria que sabatinava nas costas as impressões de um dia gasto em vigiar garotos que com brioques e coca-cola médias em punho, rostos delineados em gel ou brincos espalhafatosos e fones de ouvido serpenteavam pelo pátio de pálido solado nos vinte minutos de intervalo entre as aulas, à esquerda a se reunirem na oca-quiisque ao ar livre, à direita trepidando escada abaixo até chegarem à quadra, empoleirados em mesas de totó ou lábios que se enganchavam em beijos de línguas sinuosas ao movimento dos

corpos em camisas pólo brancas e calças jeans e tênis e sandálias sob um calor cravado no meio da manhã; a tarde em igual mas crianças que em pernas miúdas de bermudas azul-marinho traçavam os mesmos percursos e ainda valorando o parquinho abaixo, à direita.

Um faz tudo no colégio, pelo colégio: consertando carteiras quebrantadas por todas as salas, carregando televisores e mapas e maquetes aos professores que o pediam, e moleques que a desatenção e a falta de pulso de muitos exigiam, podando árvores, lavando chãos: reconhecido por todos os caminhos na imensidão do prédio, labirintando por esguios corredores que davam vista para além da cidade, do Paraíba que recortava em águas barrentas e mortas tudo e todos os seus dias. Saiu da água estancado à idéia de recolher-se, a toalha enrolada na cintura, a macilenta carne do dorso pontilhando o recém-banho,

falaria?

um Hollywood recém-aceso entre os lábios baforando o quarto na ausência da noite,

a filha?

A FILHA: mulher já apesar dos dezessete anos, responsável, estudando ferrenhamente no colégio pelos serviços por ele prestados, faceira com as amigas e carinhosa com o pai, titular e medalhista da equipe de vôlei da escola nos jogos olímpicos municipais, linda nos cabelos encaracolados e castanhos à altura dos ombros molhados de águas recentes, a pele alva, sardas que aquarelavam suas costas e colo, a essa hora preguiçosamente repousa no sofá frente à televisão,

falaria?

A FILHA: pequena ainda em passos lépidos e vestidinho branco que vendavalava em torno das coxas nas largas calçadas do Jardim Paraíso, sequer soube por qual motivo a mãe jamais voltara após ir com um tio ao hospital fazer exames em virtude de um desmaio, um Junho frio que cortou o casamento do pai e a casa que tencionava a ser construída por um apartamento na Vila Laroça, antiga morada da avó, falecida dois, três meses antes, um enfarte que a acometeu nas horas do sono depois do almoço. Foi nessa mesma tarde, e mais pelos movimentos subseqüentemente repetidos que a levariam ser qualquer outra, que a vira mão nos joelhos azuis de joelheiras *teka* aguardando o saque vindo da extremidade outra da quadra, o céu já se escurecendo, e ela observada por um ponto único nas escadarias do colégio: boné vermelho e camiseta branca, sempre o mesmo rosto alheio ao tempo; e a vira vinte minutos adiante com a pele em pequenos caroços d'água, na respiração ofegante um “to indo já pai”, e ele escalando olhares pelos refletores, “o menino ta te esperando?”, “sim senhor, é filho do Dr. Hamilton”, “da Dona Dulce?”, “é sim senhor”.

- E então esse é o homem. Ô Miguel, que bom te ver.

O bar do Simplício redemoinhava entre jogos de buraco e bisca, cerveja e pinga, ovos coloridos e salgadinhos inundando guardanapos num Sábado corriqueiro: homens atarracados no estabelecimento escuro apesar do dia, suores e discussões políticas, futebol,

- Doutor Hamilton?

- Ta trabalhando fins-de-semana Miguel?Ou ta livre?

Doutor Hamilton, jovem ainda, a testa luzidia e os ralos cabelos de amorosas preocupações com a profissão, endinheirado, ginecologista, filho da cidade, família tradicional, anos a fio morados na

mansão frente ao Santos Anjos, um homem do populacho e das castas maiores, reuniões no Rotary e futebol nos campos pela cidade, mesas nos bailes de Carnaval do Rex Clube e cervejas no Bar do Simplício, no Dima's, boatos sobre sua candidatura a vereador, eleição certa pra todos, a Miguel talvez prefeito, não se espantaria.

- To precisando ir a Niterói visitar minha irmã que mora por lá. Você conhece aquelas bandas não conhece, pode me levar. Vamos só eu e minha mulher. Pode?

- Sim senhor.

Jovens, Doutor Hamilton e a mulher trocavam carícias no banco de trás do Del-Rey cor de ouro ao sol em meio a BR. Uma parada na serra, lanches e fotos do Dedo de Deus, da mulher posando alegre frente à paisagem fria, sorriso escancarado no tempo. Em Niterói paradas na Mesbla para compras, no campo de São Bento, no Caio Martins, fotos, lembranças, até Miguel ganhara um porta copos, um cinzeiro talhado em artesanato.

- Nós voltamos ainda hoje Miguel.

Na casa da tal irmã, em Icaraí, esperando o casal que antes repousara ao céu da praia (conversas entrecortadas com o porteiro do edifício quase à beira-mar “é só ir na janela e olhar pro lado, ta aí Icaraí, lá embaixo Botafogo”) e agora almoçava no Bom Canto, na varanda do restaurante de mesas escuras e toalhas brancas, garçons feito pingüins a servirem e servirem e

- De Minas não é? Juiz de Fora sua terra?

- Perto. Além Paraíba.

- Ah. O Flamengo vai decidir um torneio lá em Juiz de Fora acho. O time é bom. Gosta de futebol?

- Botafogo.

O sol dormitando pela maré de Botafogo como dissera o porteiro que esperava com ele o casal que fechava a conta do almoço em atraso.

- Vamos ali na praia rapidinho Miguel, depois a Dulce quer ir à missa naquela capela ali, parece que é seis horas, daí seguimos viagem.

Afundou os pés de tênis na areia branca e suja da praia observando o homem que se postava a olhar com a máquina fotográfica o outro lado do mar de águas turvas e céu alaranjado.

- Essa praia é linda, mas a água é horrível, não dá nem pra entrar, aquele canal que passa em frente ao prédio da Joana desemboca tudo dentro do mar, vai por ali olha.

Eram as primeiras palavras da tal Dulce, Dona como reza a convenção de empregados, mesmo os temporários. Sentara-se na areia sem se importar em sujar a calça marfim que delineava coxas e nádegas. Mais bonita agora que antes no maiô preto encravado na pele quase morena. A blusa branca e justa, os cabelos amarrados por uma esferográfica, óculos escuros que serviam de arco ao castanho claro dos fios encaracolados sublinhavam o que tinha de melhor, os singelos movimentos imperceptíveis aos olhos de quem apenas passava, ou parava a tirar fotos.

- A senhora me desculpe, mas é muito mais bonita que o sol.

- Obrigada.

Entre dentes a resposta veio com uma ruga no rosto, ao alto do olho esquerdo. Ruga comum a quem se desvia do sol lancinante, que em tempo, se repousava do outro lado da fala.

- Senhora está no céu, viu Miguel? É Miguel, não é?

A FILHA: demovida em risinhos dentre amigas nos intervalos do colégio, bilhetes e recados ao pé-de-ouvido, “pai, vou ficar até mais tarde no treino de hoje, pode ir sozinho pra casa”, “pai, vou dormir na Mabel amanhã à noite, posso?”, “pai queria tanto ir no baile de Sábado, posso, o pai da Mabel vai levar e buscar a gente, pai, posso?”, pés descalços na mesa de centro, dedos entrelaçados em confusas respostas, ermas perguntas, fugas explosivas quando ele chegava cansado de mais um de muitos dias, num “te ligo depois, meu pai chegou, beijo” que ele sabia que haveria de ser o outro, o rapaz,

falaria?

Pai!

Que foi?

Eu achei uma coisa no armário dos fun-

Quem era no telefone?

A Mabel pai.

É o menino?

Que menino?

O do treino, o filho do doutor Hamilton, era ele?

O nome dele é Lucas.

Novamente o banho mais antigo que novo, águas ermas ricocheteando as costas e dorso, pra enxugar toalha, para se lembrar espelho, loção de barba, rosto cansado, desfigurava-lhe o frio de Agosto recém-vindouro de recesso pra alunos e professores, mais dias a quantos um quando de aposentadoria não o afogueasse a língua poderia sobrepujar qualquer besteira,

a filha?

Setembro dobrava ao meio e enfim uma sexta-feira sem expediente extra, ir pra casa corujando um filme na tevê, uma novela a distrair, dormir cedo e acordar tarde, reorganizar as energias a tanto escassas, mas a porta da frente trancafiada estranhou-o assim como a ausência de barulhos na sala, no banheiro, na casa, apenas o portal do quarto da filha cerrado por réstias que iluminavam o entorno, abriu mão leve à maçaneta e da porta enxergou corpos enlaçados dentre lençóis brancos, dorsos moleques frementes em gozo e na parede acima um quadro, retrato, um pôr-do-sol numa praia qualquer, muito, muito distante,

apenas?

